



Humorístico

Redactores: — Antonio de Lacerda, João de Albuquerque e Níephoros Moreira.

ANNO I

Portaleza, 15 de Março de 1896

NUM. 46



— de uma companhia dramatica e por
 — o theatro?
 — Não, senhor. Esta se fazenda ainda. O senhor de-
 — o casmorano de nome um paquinhão a companhia que d'aqui o 60 an-
 — E onde é? Assis. Na pra-
 — nos está prompto.
 — Sim senhor, bem
 — me disseram que o Ceará tinha THEATRO!

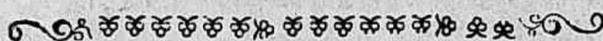
EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Para o exterior e interior
 Anno 8:000
 Semestre 4:000
 Numero avulso 100 rs.
 " anterior 200 "

Pagamento adiantado.
 Redacção Rua do Major Facundo n. 116

O FIGARINO



Fortaleza, 15 de Março de 1896



CHRONIQUETA

*Depois do calor asphyxiante
 veio a chuva salutar e de valer,
 n'est' hora em que escrevendo, usste ins-
 (tante
 cahe chuva de fazer sapo tremer.*

E chove bonito... tanto

E' verdade... Temos tanta chuva que já cauza espanto.

«A atmosphera é incurruscubia e as nuvens são rheumaticas», na phrase do nosso João Siqueira, de saudosa memoria

Assim, sim, já podemos mandar uns emboras ao Padre Eterno e chamal-o até de compadre.

Quanto mais chover, leitor,
 (na nossa opinião)
 mais lucram os lavradores,
 ha mais milho, mais feijão.

Os leitores leram «A Palestra», um novo jornal publicado em nossa capital?

Provavelmente, visto que a curiosidade não é semente propria das senhoras, como disse alguém.

Não lhe rogamos praga, pela sua linguagem; porem não consentimos que lhe sejamos padrinhos—nem de gyrão.

Aquillo de impresso em nossa officina —é conversa.

Consta-nos que brevemente tere-mos por aqui uma companhia dra-matica.

Muito bem.

Mas onde irá ella trabalhar?

No S. Luiz? l... Cassuada,..

No novo theatro? j... Peior um pouco, porque aquelle só ficará prom-pto lá para 90 e 10.

Isto é—si Deus não mandar o con-trario.

✱

O Café Bemfica vae numa ponta bruta.

Segundo ás más linguas, alli joga-se mesmo desbragadamente.

E' gente séria, até de titulo; é filho familia... é tudo, tudo.

A questão é levar dinheiro no bolço.

A policia devia dar um passeio por alli, afim de por um paradeiro a jo-gatina.

O jogo é um dos vicios mais peri-guosos, por cauza de suas consequen-cias.

...

O Bembem vae «pintar os cane-cos».

Fez uma reforma em sua casa de banhos e estabeleceo um regulamen-to interno aos banhistas que no fim «da certo».

O Bembem merece immenso:

pois teve até o bom censo de nos dar boa garapa.

...

A chuva causou favação no Pas-seio.

Os «habitué» sentiram-se saudo-sos de bonitos olhos, e estes agrada-veis encontros.

...

Com a subida do calor—o nosso cambio desceo ao ultimo grão.

Sem medo de errar, pode dizer se: não temos cambio.

O INVERNO

Leitores, o noventa e seis, trouxe o inverno, afinal, que tambem por sua vez —brilhou, como o carnaval.

Dos barrancos os supapos, continuando assim atôa, transformará o povo em sapos. e o Ceará em lagôa.

Então em vez do apito, do nosso trem, noute e dia, ouviremos só o grito, do cururù e da gia.

LAPIS TRAVESSO



DE VIOLÃO

Quando me sinto sem cobre,
 sem cordas p'r'o violão,
 me vejo, sim, muito pobre
 — em famosa favação

Quem não tem uma menina,
 que por si sinta paixão,
 passa uma vida mofina,
 — anda em pura favação.

Quem brinca sem ter vintem
 no bolço — p'ra gollação—
 faz um papel de ninguem
 ou melhor — faz favação.

Quem sendo muito mofino
 quer passar por valentão
 revela falta de tino
 e faz gossa favação.

Quem em emprego procura
 p'ra contrahir união,
 e a sorte é lhe escura
 faz bonita favação.

Xiquinho Violão



OS CARTOES FALSOS

Entre o falso e o bom cartão
 Leitor, reina um asanzel
 Peior do que a confusão,
 —Da tal,— Torre de Babel!

P'ra onde a gente se vira
 Falla um plebeu neste tom:
 —Moço prufavô, confira
 Se este bieltinho é bom?!

O commercio—arripou...
 E a maldição lançou
 No falcete—confettinho,

E p'ra lavar tal peccado
 O Christo, crucificado
 —E' o pobre—Zé Povinho!!

Melvi.



A TROTE LARGO

Junto a minha residencia
mora uma virgem formosa.
E' pura como a innocencia,
é nivea como uma rosa.

Tem a penas dose annos
a minha gentil visinha;
no entanto mil maganos
morrem pela pobresinha

Quando á tarde na janella
Chega o anjo de alegrias
passam elles junto d'ella
insensando . . . cortesias. . . .

De formas que a linda fada
raras vezes apparece ! . . .
Esta ausencia não agrada
aos tôlos — quando acontece.

Ella enfeitá-se á tardinha
senta-se na calçada
passa um, dois, de . . . e a coisinha
ausenta-se envargonda !

Alta noute um pobre diabo
canta na porta da bella:
— « ou vai ou rebenta o rabo,
se eu não casar me com eilla ! »

Outro tambem — (este é louco)
de certa casa empregado
gasta todo o ordenado
com o luxo e acha pouco.

O M que despeitado
por seu silencio commum
sai para á rua em jejum
e quando volta é muiado

Hontem vi um maganão
que dizem ser sertanejo
mandou offertar-lhe um quejo
em troca do coração ! !

Mas a mimosa creança
o presente devolveu
e logo então resolveu
afogar lhe a esperanza.

— Mandou deixar-lhe uma carta
em que dizia: — « O meu desejo

«era comer esse quejo
amas . . . senhor, ja vivo farta, —

« Destas hestorias de amores,
« destas conversas mentidas,
« destas caricias fingidas,
« destes dramas de horrores.

Queira, pois me desculpar
« se com esta vos offendo,
« mais creia que não me reudo
« ao captiveiro de amar ! »



O dr. X . . . queixava-se em uma
reunião d'amigos des poucos monu-
mentos que se tem dedicado aos me-
dicos.

— Como assim exclamou um dos
amigos, como podeis queixar-vos dr.,
quando os cimiterios estão cheios.

Um cavalheiro encontrou por ca-
sualidade a um homem a quem não
conhecia a vida e a lha.

Póde emprestar-me vinte mil reis?
— Mas, sr. , não tenho a honra de
o conhecer.

— E' por isso mesmo que me deri-
jo a si, pois os que me conhecem não
querem dar-se ao trabalho de fazer-
me este favor.

NA IGREJA

Na torre repica o sino
sobem foguetes ao ar
ouve-se a orchestra tocar.
— Entoa o padre seu hymno

A menina apaixonada
Colloca se alli, num canto,
Deitando um olhar no santo
E outro á rapaziada

Uma velha ajoelhada,
N' um chale preto enrolada
Com bentos e relicario,

A bsort, esquece o mundo
E num coxilo profundo
Quebra o cordão do rosario.

Ext.

Noticiarete

BARÃO DO AQUIRAZ

Falleceu nesta capital, victima de
serios soffrimentos, o respeitavel ci-
dadão Gonçalo Baptista Vieira, Barão
do Aquiraz.

O finado era membro de uma fami-
lia importante deste Estado e gozava
de muita estima e considerção.

A' sua Ex^o familia enviamos, nos-
sos pesames.

As festas de S. José na florescente
povoação de Maracanhú, continuam
animadissimas e na melhor ordem pos-
sivel.

No dia 9 do corrente tivemos occasião
de assistir ao levantamento da bandeira
paru esses festejos e notamos centenas
de cavalheiros e senhoras da nossa me-
lhor sociedade.

A noite seguinte assistimos a primeira
novená na igreja, mostrando-se bem or-
namentada e caprichosamente illumina-
da.

Voltamos para a Capital trazendo as
mais vivas recordações das novenas de
S. José, e, promettemos aos nossos lei-
tores dizer alguma coisa sobre este as-
sumpto em nosso numero de domingo
proximo.

CORRE LIMA

Acha-se entre nós, vindo do Amazonas,
o nosso estimado patricio e amigo Joo-
quim Cerreo Lima, proprietario de se-
ringaes no Purús.

Saudades da familia e amigos fel-o
vir ao torrão natal, que tem nelle um
filho digno de estima.

Salve !

VERSOS DE HONTEM

Pedimos licença ao nosso bom amigo
Pedro Muniz para agradecer-lhe a of-
ferta que nos fez de sua mimosa pro-
duccão.

Falta-nos tempo para uma apreciação,
embora ligeira.

Mais de espaço, bateremos no teo pos-
tigo.

Por ora — parabens.

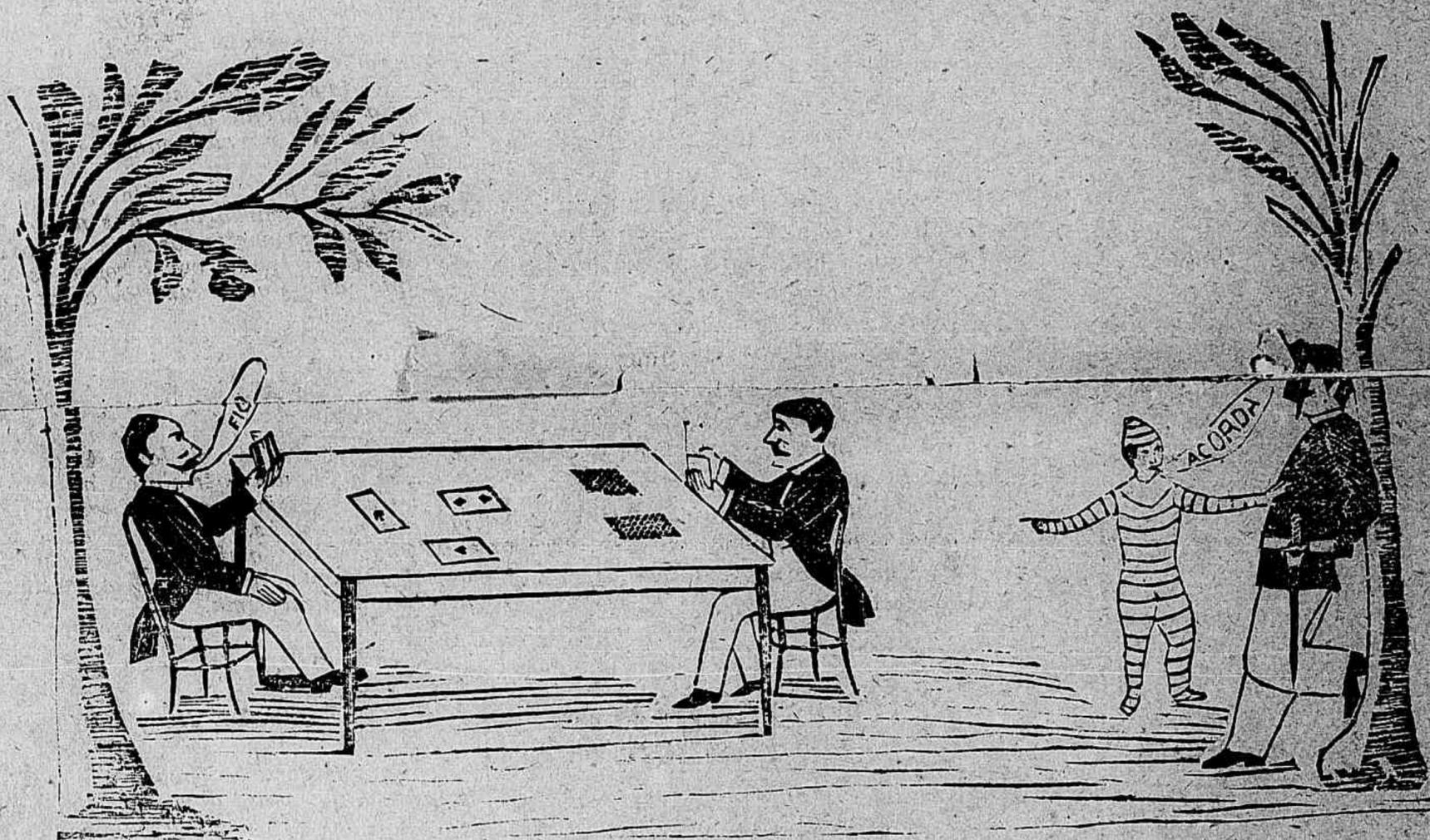
IMPrensa

Recebemos:

«A Tubá» - oagam catholico que
se publica em Cintra, no Estado do
Pará.

«A Palestra» - jornal critico que
appareceu domingo nesta capital,
é escripto em linguagem muito livre
offendendo assim a moralidade e a
civilisação.

Agradecemos.



A jogatina no café Bemfica não tem limites. Já haverá liberdade de jogo? A policia estará dormindo...! ? ...